

# Os estudantes americanos e a literatura brasileira

Ensinar literatura brasileira nos Estados Unidos acarreta uma carga pesada de problemas, mas, às vezes, traz surpresas sumamente agradáveis. Para começar: meus alunos, entre 18 e 22 anos, raramente sabem português. Solução: ensinar textos traduzidos para o inglês. Segundo problema: os alunos, de modo geral, têm noções muito confusas sobre a América Latina, região para eles dominada pela máfia da cocaína e por generais saídos da ópera bufa. Ao iniciar o estudo da literatura brasileira, a maioria não reserva para o Brasil uma identidade independente. E quando se concebe um Brasil dissociado do resto do continente, a visão é condicionada pela mídia sensacionalista: destruição impiedosa da floresta amazônica; favelas; massacre de crianças abandonadas; assalto e seqüestro; assassinato impune de mulheres por namorados e maridos; corrupção à moda de Collor. Meus alunos são, outrossim, produto de um sistema educacional em declínio que imbeciliza em vez de instruir. Em casos extremos, haverá num curso de literatura brasileira dois ou três estudantes que nunca na vida leram um romance. Como se tudo isso não bastasse, os Estados Unidos estão passando por uma perigosíssima fase de neopuritanismo. A pressão para impor a censura vai aumentando a cada dia: é exercida pela direita, preocupada pela manutenção da moralidade tradicional, e pela esquerda - o feminismo, em especial - que vê a "pornografia" como ameaça contra as mulheres, como assédio sexual e, portanto, violação dos direitos civis femininos. O que é que isso tem a ver com a literatura brasileira? Um exemplo ilustrativo: dei, na minha faculdade, uma palestra sobre erotismo, literatura e censura, focalizando a ficção brasileira. Depois,

aproximou-se uma mulher e perguntou: "O senhor usa isso nas suas aulas?" "Uso." "Nesse caso, o senhor poderia ser acusado de assédio sexual".

É um acúmulo de dificuldades a serem superadas por quem se atreve a dar um curso de literatura brasileira. Por outro lado, todos esses problemas são para o professor um desafio e uma oportunidade esplêndida de conscientizar os alunos com relação à América Latina, de criar junto com eles um retrato mais rico e complexo do Brasil e de iniciá-los nos prazeres da literatura. Imaginem as possibilidades de um estudante cujos primeiros romances são *Dom Casmurro*, *Macunaíma* - emenda: primeira rapsódia -, *Vidas Secas*, *Gabriela*, *A Hora da Estrela*, *Galvez*, e que ainda por cima lê contos de Guimarães Rosa, Luiz Vilela, Lygia Fagundes Telles, Edla van Steen, para citar alguns nomes. O estudo da literatura brasileira, de vez em quando, é até capaz de "seduzir" - os censores que me perdoem - os alunos ao ponto de irem eles até o fim, seja através dos cursos de pós-graduação, da viagem ao Brasil, da profissionalização. São estudantes cujo interesse pelo Brasil será, daí em diante, inalterável.

Não pretendo fornecer uma perspectiva "científica" do estudo da literatura brasileira nos Estados Unidos. Minha intenção é apenas a de ilustrar algumas possibilidades. Isto é, há alunos que pouco modificam a visão estereotipada do Brasil. Outros mostram-se propensos ao mergulho mais fundo na análise literária e social. Em casos excepcionais, os alunos, inspirados pelos textos brasileiros, levantam vãos poéticos. Cito alguns trechos de ensaios escritos por meus estudantes (é minha a tradução do inglês ao português).



A floresta amazônica é o tópico predileto dos estudantes americanos, que culpam o Brasil por “atrocidades” contra o meio ambiente. A agressão contra a floresta, eles acreditam, provoca o efeito estufa.

Alguns compreendem que os gases produzidos pela indústria americana levam ao aquecimento global e que os Estados Unidos também sofrem de graves problemas ambientais. Mas, de modo geral, fica menos doloroso para eles reclamarem daquele país sul-americano que destrói a selva, as tribos indígenas que nela habitam, a diversidade biológica e a fonte de drogas que curarão o câncer e a Aids. No seguinte ensaio sobre o tema da floresta, porém, composto após a leitura de textos brasileiros, dá-se uma perspectiva mais complexa em que a autora questiona os postulados preconcebidos:

“Tento tirar o Brasil de seu reino de estrelas para iluminar meu caminho. Uma imagem aparece, rastejando: de repente, o Brasil começa a esticar e esticar até que... veja! O país inteiro é uma floresta tropical. São Paulo já foi engolida por uma cobra verde que assume logo outro perfil. É o mesmo lagarto que falou comigo hoje de manhã no silêncio de seu olhar fixo? Não - o Brasil se transformou em mil borboletas recém-nascidas que saem dançando do fundo de uma picada escondida na selva. (...) Agora, em câmera lenta, o Brasil trepa pelos galhos da minha mente como o bichopreguiça que sabe apreciar a magia das árvores. (...) Será que estou afundando na areia movediça do meu desejo insondável de acabar com o desmatamento? Talvez eu tenha criado uma Amazônia

muito maior do que aquela que deveras existe”.

A ditadura é, também, citada pelos estudantes. O seguinte trecho evidencia uma leitura de múltiplos níveis metafóricos:

“A Dona Margarida”, de Roberto Athayde, constitui-se no exame de um sistema totalitário que - bajulando, cutucando e torturando - sabe habilmente controlar o povo. Quem simboliza o sistema é uma professora de biologia, sexualmente frustrada, que nada sabe de biologia. O monólogo da Dona Margarida é uma metáfora do sistema político brasileiro da época em que a peça foi composta. Demonstra as virtudes morais e cívicas que a ditadura tentou estabelecer. Através do controle totalitário na aula, o dramaturgo provoca, com eficácia, uma reação da platéia. Os espectadores têm a opção de sair do teatro para esquecer a professora maluca. Os ‘alunos’, no entanto, devem obedecer, senão Dona Margarida os mandará ao escritório do diretor do colégio, donde serão ‘desaparecidos”.

Se alguns estudantes são capazes de desvendar a metáfora política, outros se desnor-teiam ao impor, gratuitamente, uma relação que não decorre do texto literário. Uma estudante, por exemplo, analisa os contos de Edla van Steen - em função, sobretudo, do tema de regresso saudosista ao passado - e vê neles uma advertência ao povo brasileiro: esqueçam a ditadura, deixem de mistificar a época anterior ao golpe e ponham o foco no futuro. Pode ser até que o conselho seja bom, mas constitui-se numa leitura que ignora o

**DAVID GEORGE**, norte-americano, é autor de três livros sobre o teatro brasileiro, tradutor literário e professor no Lake Forest College, de Chicago.



experimentalismo formal, as perspectivas surpreendentes do comportamento humano, os pequenos dramas do cotidiano e a ironia que caracterizam a ficção de Edla van Steen.

Casos à parte são os textos de Mário de Andrade e Clarice Lispector, autores brasileiros que têm servido especialmente de estímulo criador para meus alunos. Muitos se inspiram em *Macunaíma*: a fantasia, os mitos e lendas, a multiplicidade metafórica da rapsódia, a crítica da civilização e a sátira. Um estudante, numa espécie de conto-monstro antropófago, enfim, cria uma síntese de *Macunaíma* e *Piaimã*. Se Mário de Andrade termina a rapsódia com a transformação de *Macunaíma* na constelação de Ursa Maior, o estudante o ressuscita. O Brasil, no conto, já passara pela ditadura, pela crise econômica e pelos planos cruzado e Collor, quando *Macunaíma* reaparece para assombrar o país:

“Sem sabê-lo, o povo do Brasil aguardava uma tramóia porque era impura a alma das estrelas. Ninguém reparou no tremor do céu que ia logo mudar o destino dos vivos. O pôr-do-sol camuflou o transtorno, e Ursa Maior começou a derramar uma luz escura e mortífera. As crianças deixaram cair suas velas e voltaram correndo à casa para contar aos pais a tragédia das estrelas. *Macunaíma* não era mais aquela personagem charmosa, tendo sofrido graves lesões neurológicas na sua transformação astral. E para manter a vida de preguiçoso que antes levava, precisava adquirir os três poderes. Primeiro, foi visitar o túmulo de Vargas, donde tirou amostras do ADN do caudilho gaúcho. Seqüestrou, logo a seguir, altos funcionários do governo, matando-os, bebendo seu sangue e assimilando suas forças maléficas”.

E assim por diante. O estudante, como se vê, assimilou um pouco da força criadora de Mário de Andrade.

Muitos estudantes americanos se interessam não pelo que seja especificamente brasileiro, mas pelo que vêm como universal. Eis, por exemplo, o comentário de uma estudante apaixonada pela ficção de Clarice Lispector:

“O que ela aprecia são as reminiscências de Sartre e Camus. Os contos de

Clarice Lispector aparecem na forma de explosões literárias. As palavras são inocentes como o engano opaco da fumaça que anuncia a fonte mais incandescente e perigosa. O leitor, ao mergulhar nos contos, penetra a banalidade efêmera da superfície, para descobrir que o combustível da máquina lispectoriana é a nossa condição humana, a angústia absurda e a nulidade alienadora, mas sobretudo a ambigüidade da vida brotando violentamente”.

Ainda outra estudante assimila o estilo e percepção lispectorianos, que constituem para ela uma forma de meditação:

“Os críticos querem que eu veja a obra como uma coisa maior do que a soma de todos os fragmentos e epifanias mas ao mesmo tempo menos útil. Um crítico transforma Lispector numa esnobe intelectual incapaz de enxergar além de seus privilégios. Outro enfoca a dureza e o pessimismo da crítica social. Eu não desejo falar senão das flores. Se um conto de Lispector fosse um quadro seria pintado em série, como os montes de feno de Monet. É a questão de apanhar o momento, como ela isola o instante quando a luz do inverno assemelha-se ao azul cor-de-pêssego do interior de uma concha e produz uma tranqüila separação. A imutabilidade não existe para Clarice. A vida progride implacavelmente de momento a momento. Quando leio sua obra os instantes vão deslizando por meus dedos. Cada momento brilhante é eclipsado antes que eu possa sentir o gosto singular. Que alívio quando Clarice anuncia um adágio, e por fim eu a alcanço!”.

Para concluir: tenho pouca esperança de que a mídia americana apresente uma visão do Brasil que não seja sensacionalista, distorcida, fragmentada. É imprescindível pensar em outros meios para transformar a imagem do país no exterior. Deve-se estimular o estudo do português e da literatura brasileira, além da tradução e publicação dessa literatura que, acredito firmemente, tem o poder de demolir os estereótipos, de desencadear a criativa reflexão social e até de provocar mudanças naqueles que a consomem. Meus estudantes são, no meu modo de ver, uma demonstração clara da potencialidade transformadora da literatura brasileira.